

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**  
CENTRO COMUNICAÇÃO E LETRAS  
JORNALISMO

**SINGULARIDADES DA MATERNIDADE SOLO**

RAFAELA PEREIRA DE OLIVEIRA

SÃO PAULO  
1º SEMESTRE/2019

RAFAELA PEREIRA DE OLIVEIRA

**SINGULARIDADES DA MATERNIDADE SOLO**

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da professora Ms. Lenize Villaça.

SÃO PAULO

1º SEMESTRE/2019

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

## **DEDICATÓRIA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso é dedicado a todas as pessoas que o fizeram possível. De maneira especial, o dedico à minha mãe.

**LINK DO UPLOAD:** [https://youtu.be/UX\\_ZhDgVsaw](https://youtu.be/UX_ZhDgVsaw)

**DATA DE UPLOAD:** 27 de maio de 2019.

## **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso discorre sobre as singularidades da maternidade solo, realidade de 11, 6 milhões de mulheres no Brasil. Sua ilustração, feita por meio de documentário, tem como pano de fundo histórias de quatro mães solo, residentes no estado de São Paulo, que, por escolha própria ou por falta de opção, viram-se responsáveis pela criação integral dos filhos. Ainda que cada uma tenha sido apresentada à maternidade de maneira diferente, existem particularidades provenientes dessa jornada que as unem em unanimidade.

**Palavras-chave:** mães solo; maternidade solo; filhos; documentário.

## **ABSTRACT**

This project discusses the singularities of lonely motherhood, the reality of 11.6 million women in Brazil. The documentary has as background the stories of four single mothers residing in the state of São Paulo who, by their own choice or lack of choice, were responsible for the integral creation of their children. Although each one was presented to the maternity in a different way, there are peculiarities coming from that journey that unites them in unanimity.

**Keywords:** single mothers; lonely motherhood; children; documentary.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	11
2.1 Eva, a mãe da humanidade .....	11
2.2 Contradições da maternidade .....	12
2.3 Maternidade e profissão.....	13
2.4 Humanização do relato jornalístico .....	15
3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA.....	16
3.1 Modos de documentário: expositivo, observativo e híbrido .....	16
3.2 Peça jornalística.....	17
3.3 Estrutura da peça.....	18
3.4 Estilo .....	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	19
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	21
6. APÊNDICE I – Autorização de uso de imagem.....	24



## 1. INTRODUÇÃO

No ano de 2005, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que 10,5 milhões de famílias eram compostas por mães solo. (G1, 2017, online). Dez anos depois, esse mesmo arranjo familiar, onde as mulheres chefiam suas casas, já somava 11,6 milhões, segundo a mesma entidade de pesquisa.

Mães solo são mulheres que assumem parcial ou integralmente a responsabilidade pela criação dos filhos, seja por imposição de circunstâncias ou escolha. O termo surge para substituir a expressão “mães solteiras”, considerada pejorativa, uma vez que faz menção a estado civil - que em nada tem a ver com o fato de ser mãe.

Os casos mais comuns neste contexto são: mulheres que no momento em que se descobriram grávidas decidiram seguir adiante, mesmo sabendo que não teriam o apoio do pai; mulheres que estavam casadas mas tiveram suas relações rompidas - por divórcio ou morte; mulheres que não possuíam e se mantiveram sem nenhum vínculo com o homem de quem engravidaram; e mulheres que optaram pela produção independente ou pela adoção.

Uma situação onde um casal mora na mesma casa mas a mãe se encarrega da maior parte dos cuidados para com a criança também pode ser classificada como condição de mãe solo. O mesmo acontece quando o pai não sumiu totalmente de vista e se comprometeu com suas obrigações - pagar pensão alimentícia, arcar com despesas “extras” e manter visitas regulares; ao menos que a criação seja dividida igualmente, 50% para cada lado, a mãe é tida como solo.

Além de se desdobrarem para administrar a casa, assegurar educação, dar atenção redobrada, e tudo isso em uma sociedade onde se tem pouco ou nenhum auxílio externo, mães que criam os filhos sozinhas ainda passam por diversos preconceitos, sendo os mais comuns deles ligados à recolocação no mercado de trabalho ou a tentativa de um novo relacionamento amoroso.

No primeiro deles, houve casos em que, em uma entrevista de emprego, uma garota teve de ouvir do entrevistador que a empresa “dava prioridade para pessoas

sem essa questão”, isto é, sem filhos (OESP, 2018, online). Já no segundo, há relatos das mais diversas barbaridades ditas por homens em um encontro. Uma delas, por exemplo, sugeria que, caso acontecesse sexo casual, o uso de preservativo não seria necessário, já que a mulher estava grávida - de outra pessoa (UOL, 2017, online)

O objeto de pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso contemplou mães solo, de perfis diferentes, que residem, especificamente, no estado de São Paulo. Com base nessa premissa, a pergunta respondida neste projeto foi: “Quem são essas mães responsáveis por criar os filhos sozinhas?”

Todos os dias, mães solo abdicam dos próprios sonhos e desejos buscando proporcionar o melhor aos filhos. Tendo em vista os fatos já citados, o projeto teve como principal objetivo exibir a trajetória dessas mulheres. Para isso, levou-se em consideração situações comuns do dia a dia.

O tema mãe solo foi escolhido, primeiramente, porque mulheres foram, são e serão sempre importantes na minha vida. Depois, por ter convivido, no âmbito familiar e no círculo de amizades, com mães que, sem contar com nenhum apoio constitucional ou político, ganhando salários inferiores ao justo e tendo de lidar com uma sociedade preconceituosa, deram tudo de si na criação de seus filhos.

Como estudante de jornalismo, entendo ser necessária a exposição dessa realidade vivida por tantas mulheres no Brasil, mas que ainda segue atrelada a um olhar machista, patriarcal e deturpado. E desrespeitoso, como se fez perceber na afirmativa de Hamilton Mourão, vice-presidente da república (PSL), “Casa de mãe solteira é ‘fábrica de desajustados’.” (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2018, online)

A metodologia consistiu em pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa. Bibliográfica para que fossem definidos os autores consultados no desenvolvimento deste trabalho; exploratória porque, quando se tratava de um projeto em fase preliminar, se fez necessária uma análise mais aprofundada, visando maior proximidade com o objeto de estudo e explicações até o momento desconhecidas; e qualitativa, já que três perfis de mães solo foram trabalhados, sendo a primeira

delas nascida na década de 1950, a segunda, mãe por produção independente, e a terceira e quarta, representantes de maneira geral.

A modalidade jornalística escolhida a fim de desenvolver esta perspectiva foi o documentário em vídeo, feito em dois modos, portanto, considerado híbrido: o expositivo, que se sobressaiu ao contar as histórias das personagens, e o observativo, onde o cotidiano apresentou-se como uma realidade sem interferência.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Eva, a mãe da humanidade

De acordo com a Bíblia Sagrada, coube à Eva ser a primeira mãe da humanidade, responsável por trazer ao mundo Caim, Abel e Sete. Ainda que não tenham sido retratados com a mesma importância pela história, escrituras falam em outros “filhos e filhas” tidos por ela (Gênesis 5:3-4). “A primeira mãe do mundo foi Eva, a qual experimentou a primeira dor de parto, mas foi a primeira mulher e ter o privilégio de gerar vida, por isso se diz que *“deu à luz”*.” (Gênesis 4:1-2)

O nome Eva, que parte originalmente do hebraico *“Hawwá”*, derivado de *“Hawá”*, significa “a quem tem vida” ou “a cheia de vida”. Essa denominação lhe foi atribuída pelo seu marido Adão, a quem Deus, depois de lhe chamar assim, deixou a missão de escolher a designação apropriada para a companheira. O nome Eva “foi escolhido porque Adão acreditou na promessa de Deus” (Gênesis 3:15). Tal promessa dizia que sua esposa liberaria a vida daqueles que morreram por conta do pecado.

Ainda segundo a Bíblia Sagrada, a mãe tem sua origem a partir da formação do Jardim do Éden, local sagrado onde “o Senhor Deus fez brotar [...] a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal.” (Gênesis 2:9). A palavra mãe, com o significado literal que conhecemos hoje, surge depois do pecado original. Mesmo assim, “gerar filhos era uma das características de toda mulher no plano de Deus para o mundo perfeito.” (Gênesis 1: 28)

Depois de Eva, outra figura que tem forte ligação com a maternidade, e que também faz parte das escrituras bíblicas, é Maria de Nazaré. Chamada pelos

cristãos e ortodoxos de Nossa Senhora, foi responsável por dar à luz Jesus. Embora fosse casada com José, a gestação de seu filho primogênito aconteceu por meio de uma intervenção Divina: “E, projetando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo.” (Mateus 1:20)

Santo Agostinho (354 d.C) dizia que a perfeita e perpétua virgindade de Maria é um privilégio em honra à Mãe e à dignidade do Filho. “Maria concebeu Cristo, virgem; deu-o à luz virgem; e virgem permaneceu.” (BÍBLIA, 2019, online)

A ideia de que a relação sexual entre Maria e seu esposo não se fez necessária para que houvesse a fecundação de seu filho, Jesus, fazendo com que esta mantivesse sua virgindade, reflete, até os dias atuais, no pensamento de que a sexualidade da figura feminina está intimamente ligada à sua pureza e integridade. Esse dogma, disseminado de forma veemente pelo cristianismo, aponta que a Igreja é semelhança de Maria, virgem prometida a um único esposo, Jesus Cristo.

## **2.2 Contradições da maternidade**

Milhares de anos depois da existência de Maria, a década de 1950 ficou marcada como o período em que o comportamento da “mulher ideal”, em casa e na sociedade, se instala. A “era da paz doméstica”, como foi conhecida, também marcou-se na história pela “mística feminina” e pelo “mamãezismo”; o papel da mulher se designava e limitava pelos cuidados com a casa, com o marido e com os filhos.

Apenas 12% das mães com crianças abaixo dos seis anos de idade trabalhavam fora do lar. (HAYS, 1998). “Naquela época, poucas mães de filhos pequenos estavam no mercado de trabalho, havia o ideal da família da classe média; o intenso apego emocional e moral das mães com seus filhos parecia menos contraditório.” (HAYS, 1998, p.5)

O conceito de gerar uma criança, assim como o papel da mulher na sociedade, passou por grandes mudanças, principalmente após a redemocratização, em 1980, quando o movimento feminista voltou a reivindicar direitos em assuntos como igualdade de gênero, no trabalho, saúde e violência.

(PINTO, 2010, p.16). No entanto, ainda que a maternidade seja uma ideologia socialmente construída (HAYS, 1998), ainda hoje seus valores permanecem atrelados aos dogmas da religião.

Ainda que a maioria das mães admita que certos aspectos da maternidade derivem de idéias socialmente desenvolvidas, muitas também acreditam que outros aspectos são sagrados, invioláveis ou, no mínimo, têm bom senso e se originam em propensões naturais das mães ou de necessidades absolutas das crianças. (HAYS, 1998, prefácio)

Ao contrário de temas como virgindade e maternidade, o mote mães solo, tratado pejorativamente como “mães solteiras”, não aparece de forma clara na Bíblia Sagrada. No tempo das escrituras, considerava-se pecado o ato de uma mulher engravidar fora do casamento - seja por traição ao esposo ou por fazê-lo com um homem qualquer -, e esta acabava por ser deserdada pelos familiares. Como único meio pelo qual conseguiria manter-se a si própria e a criança negada, entregava-se à prostituição.

Ser mãe solo, no mundo atual, não resulta mais, na maioria dos casos, em expulsão de casa ou no ingresso no mundo da libertinagem. Tampouco é sinônimo de filho fora do casamento; indo na contramão dos ensinamentos bíblicos, ninguém é obrigado a permanecer a vida toda em uma união matrimonial, e os pais e maridos, a quem Deus pediu honra (1 Pedro 3:7), deixam suas famílias por motivos que vão desde divórcio ao desinteresse em permanecer em casa.

### **2.3 Maternidade e profissão**

Longes de viverem “a paz doméstica” da década de 1950, essas mulheres se remontam para garantir uma vida digna aos filhos. Mas esbarram nos obstáculos. A começar pelo fato de que 48% das mães não conseguem se reposicionar profissionalmente no primeiro ano após a gestação. (UOL, 2017, online). Depois, já inseridas no mercado, são submetidas a 7,5 horas semanais a mais em relação aos homens, por conta da dupla jornada - que inclui, entre outras atividades, afazeres domésticos. (AGÊNCIA BRASIL, 2017, online)

Hoje, bem mais da metade de todas as mães trabalham [...] e a família tem uma imagem de desintegração de valores e relacionamentos - seria de

esperar que houvesse uma redução da ênfase na ideologia que diz que a criação dos filhos deve estar a cargo das mulheres, dando um trabalho intenso e emocionalmente absorvente. (HAYS, 1998, p.6)

E voltar um pouco no tempo nos ajuda a entender melhor esse cenário que coloca a figura feminina inferior à masculina. Em 1930, o maior valor da mulher perante a sociedade era medido pela maternidade: ser considerada uma dama de sucesso em nada tinha a ver com destaque profissional, mas, sim, com ser casada com um homem bem sucedido, ter uma casa grande e limpa e, claro, ter à mesa para o jantar, no mínimo, três filhos.

Qualquer coisa que saísse destes moldes era vista como uma anomalia: a mulher que não se casava “ficava para titia”. A referência era a maternidade: se não se casa, não se reproduz, se não cria seu próprio núcleo familiar e portanto o seu contato é com o núcleo familiar dos outros, atrelando a este a sua identidade pessoal e social. (BAPTISTA, 1995, p.29)

Com o passar dos anos, no entanto, a mulher começa a se dar conta de que seu papel social poderia ir além de garantir educação aos filhos e comida fresca. Aos poucos, essa figura subjugada, em conjunto ao surgimento de movimentos feministas que reivindicavam uma nova colocação da mulher em comparação ao homem, passa a perceber seus valores intelectuais e sua força na estrutura do mercado de trabalho.

Visando promover uma ruptura de padrão moldado e mantido por anos pela sociedade patriarcal, as ativistas do feminismo têm de, a princípio, se fazerem radicais. “Os valores foram virados de cabeça para baixo. Aquilo que antes era o valor maior, a maternidade, o cuidado com a casa e às tarefas domésticas, é desvalorizado e diminuído.” (Idem, p.31)

A partir de então, o que antes era considerado exitoso, sucumbi-se: ser “do lar” e dedicar-se inteiramente a ele passa a ser visto como sinônimo de algo negativo e embaraçoso. Começa-se a dividir o trabalho “dentro de casa” do trabalho “fora de casa”, com a remuneração sendo fator determinante para a inclusão da mulher no espaço público. “[...] é considerado trabalho o que se passa fora do espaço físico da casa e o que é remunerado. O que se passa dentro parece ser visto como tão aderido à mulher, como uma segunda pele, que constitui uma identidade.” (BAPTISTA, 1995, p.31)

Naquele momento a mulher vive a divisão de si mesma. Tem que afastar de si tudo o que diz respeito ao âmbito doméstico e “ir à luta”, “batalhar” [...]. É um trabalho árduo, uma batalha, onde a mulher irá se confrontar e muitas vezes se contrapor ao homem, numa luta por um espaço em que ela sai em desvantagem e tem que se superar a cada momento. (BAPTISTA, 1995, p.31)

Embora representem, hoje, cerca de 43% das pessoas que trabalham com carteira assinada no Brasil - ainda que sejam 51% da população total do país (LEITURINHA, 2018, online) -, mulheres ganham 75% do salário de homens só porque, em caso de gravidez, têm acesso previsto por lei à licença-maternidade, questão tida por alguns empregadores como “fator de prejuízo”.

O governo federal estuda uma concessão que permitirá, caso seja aprovada e incluída na reforma da Previdência, que mães e pais solo aposentem-se mais cedo. Cada filho representaria um ano a menos de contribuição, com um limite estabelecido em três filhos. Analisa-se, ainda, a possibilidade de um ajuste na quantia do amparo financeiro. (HYPENESS, 2019, online)

## **2.4 Humanização do relato jornalístico**

O jornalista é intérprete e mediador da realidade. Para contar a história de mães que criam os filhos sozinhas, além do emprego de técnicas, aplicadas, por exemplo, na apuração das narrativas, se fez necessário, também, a humanização do relato jornalístico. Lançou-se mão do afeto comunicativo na busca por estabelecer um diálogo sensível e sem juízo de valor. “Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos.” (MEDINA, 2003, p.47)

A fim de explicitar as transformações sofridas nas vidas das mães solo retratadas neste Trabalho de Conclusão de Curso, após a chegada de seus filhos, as histórias contadas, singulares em seus significados, foram organizadas de maneira a abrirem espaço para a reflexão e a significação da tarefa de ser a única responsável pela vida e desenvolvimento de uma criança.

[...] O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural - a narrativa - o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital. (Idem, p. 48)

Ao se tratar de um assunto sensível, que suscita sentimentos múltiplos como solidão, impotência, medo, mas também amor, compaixão e afeto, tem de se possuir sensibilidade ao ouvir e, principalmente, ao indagar, já que as respostas exteriorizadas representaram a verdade que cada uma das personagens carrega consigo acerca do fato de ser uma mãe solo.

### **3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA**

Para ilustrar este projeto, foi feito um documentário em vídeo, com 23 minutos e 46 segundos, em que quatro mães solo compartilharam suas vivências sobre o tema. Bill Nichols (1942), um dos primeiros estudiosos contemporâneo do documentário, afirma que “a tradição do documentário está profundamente enraizada na capacidade de ele nos transmitir uma impressão de autenticidade. E essa é uma impressão forte.” (NICHOLS, 2005, p. 20)

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não-ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e organização realizadas pelo cineasta. [...] Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos. (Idem, p.27)

Ser mãe solo no Brasil não é novidade: em 2015, o número de mulheres que chefiavam suas casas já somava 11,6 milhões (G1, 2017, online). Ainda assim, essa tese precisa ser exposta de uma forma mais profunda, que explicita as trajetórias de cada uma dessas mulheres, vítimas das faltas de apoio constitucional e político. “Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção.” (NICHOLS, 2005, p.27)

#### **3.1 Modos de documentário: expositivo, observativo e híbrido**

Foram usados dois modos de documentário para a realização deste Trabalho: o expositivo e o observativo. A começar pelo expositivo, que tem como função dirigir-se ao espectador de forma direta, enfatizando a objetividade e o embasamento ao contar a história. “Nesse caso, o filme aumenta nossa reserva de



conhecimento, mas não desafia ou subverte as categorias que organizam esse conhecimento.” (Idem, p.144)

Esse modo também propicia uma economia de análise, já que as argumentações podem ser feitas, de maneira sucinta e precisa, em palavras. O documentário expositivo é o modo ideal para transmitir informações ou mobilizar apoio dentro de uma estrutura preexistente. (Ibidem, 2005, p.144)

Já o modo observativo se encarrega da função de exhibir momentos em que as mães vivenciam suas respectivas rotinas, o que implicou, por exemplo, em levar os filhos à escola, ir ao trabalho ou ao supermercado. É como se a câmera não estivesse presente no local, dando ao espectador a possibilidade de tirar suas próprias conclusões. “O modo observativo propõe uma série de considerações éticas que incluem o ato de observar os outros ocupando-se de seus afazeres” (Idem, p. 148)

Os filmes observativos mostram uma força especial ao dar uma idéia da duração real dos acontecimentos. Eles rompem com o ritmo dramático dos filmes de ficção convencionais e com a montagem, às vezes apressada, das imagens que sustentam os documentários expositivos ou poéticos. (NICHOLS, 2005, p. 149)

A junção dos dois modos, expositivo e observativo, culminou em um terceiro modo: o híbrido. Isso ocorre justamente por conta da união de duas maneiras distintas de se documentar, sendo que, em relação a este projeto, a expositiva se sobressaiu.

### **3.2 Peça jornalística**

A ideia de desenvolver um documentário para retratar aspectos da maternidade solo surgiu a partir de uma reflexão pessoal; uma vez inserida familiarmente neste contexto, me fiz ciente da vida cheia de desafios que uma mãe solo tem de enfrentar. Para dar seguimento a esse projeto, no entanto, buscou-se, via intermédio de colegas, mulheres de diferentes lugares de São Paulo.

Assim, chegou-se às seguintes personagens: Ana Lucia Arruda, de 33 anos, autônoma; moradora de Pirituba e mãe do Kayke, de 6 anos; Denise Dias, 39 anos, terapeuta infantil e familiar, moradora de Ribeirão Preto e mãe do Rafael, de 2 anos; Maria Clara Tancler, 66 anos, professora aposentada, moradora de São Paulo e mãe do Diego Tancler, de 34 anos; e Rosinete Galdino, de 43 anos, doméstica, moradora de Jandira e mãe do José Henrique, 22, Giovanna, 18, e José Vitor, 13 anos.

As gravações aconteceram, cronologicamente, em 19 de dezembro de 2018 - Maria Clara -; 3 de fevereiro de 2019 - Rosinete; 9 de fevereiro de 2019 - Ana Lucia -; e 26 e 27 de fevereiro de 2019 - Denise Dias. Todas as entrevistas ocorreram nas casas das respectivas personagens, além de, no caso de Ana Lucia e Denise Dias, terem sido feitas imagens externas decorrentes de situações do dia a dia. Ao todo, foram captadas sete horas de material, convertidas, pós-edição, nos 23 minutos e 46 segundos contidos no produto final.

### **3.3 Estrutura da peça**

O documentário está estruturado da seguinte maneira: introdução, onde a narração, por meio de *voice over*, se encarrega de contextualizar o espectador acerca do assunto tratado, além de contar, também, com pequenos trechos das entrevistas considerados significativos para o desenrolar da narrativa.

Dividida em quatro capítulos, onde cada um deles leva o nome dos filhos das personagens, a montagem da peça foi pensada de acordo com o nível de atipicidade das histórias; isto é: quanto mais “comum” o relato de uma mãe, mais para o fim ele ficou. Isso acontece justamente para criar essa atmosfera de que, por mais que existam exceções, a forma como a história das mães solo brasileiras se desenrolam se repete, contando com pais negligentes e mães desdobrando-se para suprir necessidades físicas e afetivas dos filhos.

As trilhas sonoras utilizadas, sendo todas livres de direitos autorais, foram *My Favorite Regret*, de Josh Woodward, junto à narração inicial e aos primeiros depoimentos das mães; *Pointless Lullaby*, de Septahelix, no início de cada capítulo;

Dream on Me, de Josh Woodward, nas transições com vídeos e fotos; e Memorized, de Josh Woodward, nas informações finais.

As imagens cedidas pelas personagens foram devidamente creditadas por meio do termo “arquivo pessoal” - tal legenda é exibida em locais alternativos, visando, sempre, sua legibilidade. Falas em que a compreensão se mostrou duvidosa foram legendadas.

Ao final do documentário, há a divulgação de um dado alertando para a quantidade de mães solo existentes no Brasil. A intenção de homenagem, não apenas às mulheres que participaram do trabalho mas a todas que vivem em função dos filhos, é externada. O intuito não é que haja espaço para conclusão, mas para reflexão, uma vez que cada personagem possui suas singularidades, aspecto em que o documentário se debruçou.

### **3.4 Estilo**

Cada entrevistado recebeu um Gerador de Caractere (GC) específico, mantendo-se, com isso, a ideia de singularidade. As cores utilizadas foram escolhidas de acordo com o pantone de tons do local onde as entrevistas aconteceram. Lançou-se mão da fonte *Josefin Slab*, ora em *bold*, ora em regular. Contando com serifa, proporciona maior legibilidade, além de possuir um visual sensível, que vai de encontro com o conteúdo do produto.

## **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desde o início, o que se propôs como principal objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso foi acompanhar a trajetória de mães que criam os filhos sozinhas e, a partir disso, identificar quem são e como vivem essas mulheres. Cumpridas todas as etapas para o desenvolvimento deste projeto, notou-se que, mesmo apresentadas à maternidade de maneira distinta, todas as mães têm como principal missão de suas vidas a criação dos filhos.

Percebeu-se, ainda, que há uma diferença significativa entre a maternidade que compreende a relação mãe e filho, e a maternidade que a insere em outra posição na sociedade. Nenhuma das personagens respondeu positivamente à

possibilidade de voltar no tempo e não engravidar. Mas todas apontaram problemas em algum âmbito social, como a desconfiança enfrentada no trabalho ou o julgamento por parte de outras mulheres, na maioria das vezes casadas.

Fazer parte de uma sociedade machista, patriarcal e preconceituosa modifica consideravelmente a experiência de maternidade para cada uma dessas mulheres. É certo dizer que as mães mais afetadas são as que possuem menores condições econômicas. No entanto, de uma maneira geral, todas as mães solo esbarram em algum caso de preconceito em determinado momento da vida, quando, em um mundo ideal, o que elas deveriam receber é apoio e respeito.

Embora seja uma realidade vivida por 11,6 milhões de mulheres no país, a exibição da trajetória dessas mães, em que se expõe dificuldades, esforços e prazeres, não é comum. Raramente essa pauta é trabalhada nos grandes veículos de comunicação do país. Sua abordagem precisa ser ampla, para que possa gerar, ao menos, conscientização social.

É papel do jornalista dar voz, por meio de seu trabalho, àqueles que, comumente, não são ouvidos. Compreender outros aspectos dessa questão, o fazendo por meio de apuração e entrevistas, contribui para que mais material sobre o assunto seja gerado e disponibilizado. Além disso, mostra às inúmeras mulheres que passam por isso todos os dias que elas não estão sozinhas e, que por mais árdua que seja a trajetória da maternidade solo, há felicidade no caminho.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASIL. **Mulheres trabalham 7,5 horas a mais que homens devido à dupla jornada.** Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-03/mulheres-trabalham-75-horas-mais-que-homens-devido-dupla-jornada>>.

Acessado em: 25 de out. de 2018.

BAPTISTA, Sylvia Mello Silva. **Maternidade & Profissão:** Oportunidades de desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BÍBLIA ONLINE. **Velho testamento. Agostinho.** Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf>>. Acessado em: 25 de out. de 2018.

BUZZFEED. **9 coisas que mães solo gostariam de te falar.** Disponível em: <<https://www.buzzfeed.com/julianakataoka/maes-solo>>. Acessado em: 13 de setembro de 2018.

DICIONÁRIO. Significado do nome Eva. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomespropios.com.br/eva/>>. Acessado em: 25 de out. de 2018.

ÉPOCA NEGÓCIOS. **Casa de mãe solteira é 'fábrica de desajustados', diz Mourão.** Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/09/casa-de-mae-solteira-e-fabrica-de-desajustados-diz-mourao.html>>. Acessado em: 27 de setembro de 2018.

ESTADÃO. **Chefiando 39% dos lares, mães solo ainda sofrem preconceito.** Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,chefiando-39-dos-lares-maes-solo-ainda-sofrem-preconceito,70001690374>>. Acessado em: 13 de setembro de 2018.

G1. **Em dez anos, Brasil ganha mais de 1 milhão de famílias formadas por mães solteiras.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/em-10-anos-brasil-ganha-mais-de-1-milhao-de-familias-formadas-por-maes-solteiras.ghtml>>. Acessado em: 25 de out. de 2018.

HAYS, Sharon. **Contradições culturais da maternidade**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

HYPENESS. **Pais solo e mães poderão se aposentar mais cedo segundo projeto de lei**. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2019/02/pais-solo-e-maes-poderao-se-aposentar-mais-cedo-segundo-projeto-de-lei/>>. Acessado em: 25 de maio de 2019.

LEITURINHA. Os desafios que as mães ainda enfrentam no mercado de trabalho. Disponível em: <<http://leiturinha.com.br/blog/licenca-maternidade/>>. Acessado em: 25 de out. de 2018.

**MÃES SOLO - O QUE SÃO O QUE COMEM ONDE VIVEM**. Direção e produção: Hel Mother, s/l, 2016, online. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=leCFUYGPt8s&t=396s>>. Acessado em: 13 de setembro de 2018.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

PORTAL BÍBLICO. **A mãe de todas às mães do mundo**. Disponível em: <<http://portal-biblico.blogspot.com/2011/05/mae-de-todas-as-maes-do-mundo.html>>,. Acessado em: 25 de out. de 2018.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: Para todas, todes e todos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TRICAE. **Porque dizer “mãe solo” e não “mãe solteira”**. Disponível em:

<<https://blog.tricae.com.br/mundo-materno/porque-voce-deveria-dizer-mae-solo-ao-inves-de-mae-solteira/>>. Acessado em: 13 de setembro de 2018.

UOL. **Mães solo contam o que de mais absurdo já ouviram em encontros românticos**. Disponível em:

<<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2017/12/13/maes-solo-contam-o-que-de-mais-absurdo-ja-ouviram-em-encontros-romanticos.htm>>. Acessado em: 13 de setembro de 2018.

UOL. **48% das mães ficam desempregadas no primeiro ano após o parto.** Disponível em:<<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2017/08/28/48-das-maes-ficam-desempregadas-no-primeiro-ano-apos-o-parto.htm>>. Acessado em: 25 de out. de 2018.

VICE. **A vida das mães solo.** Disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/4xk479/a-vida-das-maes-solo](https://www.vice.com/pt_br/article/4xk479/a-vida-das-maes-solo)>. Acessado em: 13 de setembro de 2018.

## 6. APÊNDICE I – Autorização de uso de imagem



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO

**AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO**

Eu, Maria Clara R. Tancler, portador do  
RG Nº 5.402 881-4 e CPF Nº 033.285.628-47,  
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem (foto e/ou vídeo) e/ou voz, bem como cedo os  
seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o **Instituto Presbiteriano  
Mackenzie** e para a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo  
indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas  
acadêmicas ou reproduções; em publicações experimentais acadêmicas, sejam elas eletrônicas ou  
impressas, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,  
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 19 de dezembro de 2018.

Maria Clara R. Tancler  
Cedente

\_\_\_\_\_  
Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Autorização de imagem cedida por Maria Clara R. Tancler





UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO

### AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO

Eu, Diego Thomas Tancler, portador do  
RG N° 30.752.769-6 e CPF N° 330.860.318-75,  
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem (foto e/ou vídeo) e/ou voz, bem como cedo os  
seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o **Instituto Presbiteriano  
Mackenzie** e para a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo  
indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas  
acadêmicas ou reproduções; em publicações experimentais acadêmicas, sejam elas eletrônicas ou  
impressas, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,  
*juntamente com duas testemunhas.*

São Paulo, 19 de dezembro de 2018.

Diego Thomas Tancler

Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Autorização de imagem cedida por Diego Thomas Tancler



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO

### AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO

Eu, Rosinete Galdino, portador do  
RG Nº 53.363.692-0 e CPF Nº 037702534-55,  
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem (foto e/ou vídeo) e/ou voz, bem como cedo os  
seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o **Instituto Presbiteriano  
Mackenzie** e para a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo  
indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas  
acadêmicas ou reproduções; em publicações experimentais acadêmicas, sejam elas eletrônicas ou  
impressas, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,  
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 3 de fevereiro de 2019.

Rosinete Galdino  
Cedente

\_\_\_\_\_  
Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Autorização de imagem cedida por Rosinete Galdino



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO

### AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO

Eu, Ana Lucia A de Souza, portador do  
RG N° 44.063.800.5 e CPF N° 366.289.698.61,  
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem (foto e/ou vídeo) e/ou voz, bem como cedo os  
seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o **Instituto Presbiteriano  
Mackenzie** e para a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo  
indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas  
acadêmicas ou reproduções; em publicações experimentais acadêmicas, sejam elas eletrônicas ou  
impressas, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,  
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 9 de fevereiro de 2019.

Ana Lucia A de Souza

Cedente

\_\_\_\_\_  
Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Autorização de imagem cedida por Ana Lucia Arruda de Souza



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO

### AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO

Eu, Kayky M. A. de Oliveira, portador do  
RG N° não possui e CPF N° não possui,  
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem (foto e/ou vídeo) e/ou voz, bem como cedo os  
seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o **Instituto Presbiteriano  
Mackenzie** e para a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo  
indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas  
acadêmicas ou reproduções; em publicações experimentais acadêmicas, sejam elas eletrônicas ou  
impressas, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,  
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 9 de junho de 2019.

Cedente

Ana Lucia A. de Souza

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Autorização de imagem de Kayky M. Arruda de Oliveira, cedida por Ana Lucia Arruda de Souza



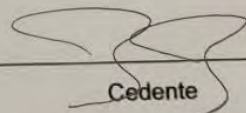
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO

### AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO

Eu, Denise Souza Dias de Salles, portador do  
RG N° 53.394.982-8 e CPF N° 703.831.202.40,  
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem (foto e/ou vídeo) e/ou voz, bem como cedo os  
seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o **Instituto Presbiteriano  
Mackenzie** e para a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo  
indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas  
acadêmicas ou reproduções; em publicações experimentais acadêmicas, sejam elas eletrônicas ou  
impressas, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,  
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 27 de junho de 2019.

  
Cedente

\_\_\_\_\_  
Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Autorização de imagem cedida por Denise Dias

  
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO

**AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO**

Eu, Rafael Souza Dias, portador do  
RG N° 63.256.795-8 e CPF N° 523.557.438-94,  
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem (foto e/ou vídeo) e/ou voz, bem como cedo os  
seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o **Instituto Presbiteriano  
Mackenzie** e para a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo  
indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas  
acadêmicas ou reproduções; em publicações experimentais acadêmicas, sejam elas eletrônicas ou  
impressas, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,  
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 27 de junho de 2019.

  
\_\_\_\_\_  
Cedente

\_\_\_\_\_  
Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Autorização de imagem de Rafael Souza Dias, cedida por Denise Dias